

## Estratégias de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras

*Vera Lúcia Menezes de Oliveira e PAIVA - UFMG*

Os métodos de ensino de língua estrangeira sempre enfatizaram o domínio de regras gramaticais e a aquisição de vocabulário. Até o advento das abordagens comunicativas, o aprendiz não utilizava a língua como um instrumento de comunicação. No método *Gramática e Tradução*, cabia ao aprendiz memorizar regras de gramática e listas de vocabulário para em seguida aplicá-las aos exercícios de tradução e versão. No método *Direto*, a ênfase ficava no ensino acurado da pronúncia e na aquisição de vocabulário através de gravuras, mímicas e demonstrações. A “interação” entre professor e aluno consistia em perguntas e respostas controladas pelo professor. O método *Audiolingual*, baseado no pressuposto de que a língua é um conjunto de hábitos, conferia ao aprendiz o papel de um mero imitador/repetidor de modelos lingüísticos graduados em ordem de dificuldade. Do método de *Gramática e Tradução* ao *Audio-lingual*, reforçava-se a importância do domínio do código lingüístico sem se levar em conta os outros componentes da competência comunicativa.

### A Noção de Competência Comunicativa

Em 1972, Dell Hymes afirma que a teoria lingüística precisa ser vista como algo mais geral que englobe a comunicação e a cultura. A gramática passa, então, a ser vista como uma das partes da competência

comunicativa, diminuindo-se assim sua importância. Para ele, quatro parâmetros devem ser usados para verificar a habilidade de uso de uma língua. São eles:

1. *Gramaticalidade* (se, e em que grau, um enunciado é possível) = por exemplo, “Gato o em cima está mesa na” não é gramatical.
2. *Viabilidade* (se, e em que grau, um enunciado é exequível) = por exemplo, o período “Eu vi o homem que comprou a casa que foi vendida por uma senhora que é mãe do professor que ensina em uma escola que fica na periferia da cidade de Belo Horizonte” é gramatical, mas não é viável, pois a mente sofre restrições de memória para processá-lo.
3. *Aceitabilidade* (se, e em que grau, um enunciado é apropriado) = não é aceitável, por exemplo, que uma mãe em uma situação de interação normal com seu filho, sem intenção de ser irônica, use a estrutura, “Será que você poderia me fazer a gentileza de ...”, para fazer qualquer pedido. Mas essa mesma estrutura é aceitável em interações formais entre pessoas estranhas.
4. *Ocorrência* (se, e em que grau, um enunciado ocorre) = há estruturas que são gramaticais, viáveis, aceitáveis, mas, no entanto, não ocorrem em situação de uso real. Inúmeros exemplos desse tipo são encontrados nos livros didáticos, como aquela famosa frase, “O leite, que é branco, é um alimento nutritivo” que, provavelmente, nunca foi produzida em uma interação real e que só serve para demonstrar o que é uma oração adjetiva explicativa.

Outros modelos de competência comunicativa foram desenvolvidos e o que mais se destacou foi o modelo de Canale e Swain (1980), mais tarde aperfeiçoado por Canale (1983). Para eles a competência comunicativa divide-se em 4 partes:

1. *Competência gramatical* = domínio do código lingüístico (incluindo vocabulário, gramática, pronúncia, ortografia e formação de sentenças e palavras);

2. **Competência sociolingüística** = domínio de uso das estruturas lingüísticas em contexto apropriado, incluindo fatores tais como status dos participantes, propósito da interação, normas e convenções interacionais;
3. **Competência discursiva** = habilidade em combinar idéias com coesão e coerência acima do nível frasal, em textos orais ou escritos, de diferentes gêneros;
4. **Competência estratégica** = domínio de estratégias de comunicação verbal e não-verbal usadas para:
  - a) compensar falhas na comunicação e lapsos de memória – como exemplo, podemos citar a paráfrase.
  - b) realçar a eficiência da comunicação – um exemplo é a modulação de voz para efeito retórico.

Se é verdade que os métodos de ensino de línguas sempre enfatizaram a competência lingüística em detrimento da comunicativa, como podemos, então, explicar que muitos aprendizes tenham se transformado em falantes competentes? Duas hipóteses parecem viáveis. A primeira é a de que os aprendizes adquiriram competência comunicativa porque tiveram muito *input*, ou seja, foram expostos à língua de forma espontânea. A segunda hipótese é de que os aprendizes utilizaram estratégias individuais de aprendizagem. De uma coisa temos certeza – apesar dos métodos, os alunos aprendem e isso acontece em decorrência da autonomia exercida pelos aprendizes. As pesquisas têm demonstrado que os aprendizes mais bem sucedidos são aqueles que possuem maior autonomia em relação à sua aprendizagem. Segundo Dickinson (1992), uma das formas de ajudar os alunos a serem mais eficientes em sua aprendizagem é “compartilhar com eles aquilo que sabemos sobre a aprendizagem de forma tal que eles se tornem mais conscientes do que significa a tarefa de aprender uma língua e saibam como reagir às barreiras que possam aparecer”.

## **Estratégias de Aprendizagem**

**As estratégias de aprendizagem são recursos que o aprendiz utiliza para resolver certos problemas, como por exemplo, aumentar o vocabulário, melhorar a pronúncia, dominar uma estrutura gramatical, etc. As estratégias de aprendizagem sempre foram utilizadas pelos aprendizes, mas só recentemente têm recebido a atenção dos educadores em geral. O'Malley e Chamot (1990) apresentam uma classificação geral das estratégias composta de 3 grupos: estratégias metacognitivas, cognitivas e socio-afetivas. As estratégias Metacognitivas se subdividem em: atenção seletiva; planejamento; monitoração; e avaliação. As cognitivas em: repetição para memorização; organização; inferência; sumário; dedução; uso de imagens; transferência; e elaboração. As estratégias socio-afetivas se subdividem em: cooperação; perguntas para esclarecimento; e auto-sugestão.**

**Rebecca Oxford (1990) classifica as estratégias de aprendizagem em dois grandes grupos, estratégias diretas e estratégias indiretas, que por sua vez se subdividem em três grupos cada.**

- I. Estratégias diretas: de memória; cognitivas; e de compensação.**
- II. Estratégias indiretas: metacognitivas; afetivas e sociais.**

**Vejamos agora como cada uma delas se subdivide.**

### **I. ESTRATÉGIAS DIRETAS**

#### **1. Estratégias de memória**

##### **A. criação de elos mentais**

- 1. agrupar: sinônimos, antônimos, ou campo semântico.**
- 2. associar/elaborar: relacionar informação nova com outras já existentes na memória.**
- 3. colocar palavras novas em contexto: ex. fazer frases.**

## **B. utilização de imagens e sons**

1. **imagens = gravuras, desenhos.**
2. **mapa semântico = organizar palavras em um desenho que tenha no centro ou no topo um conceito chave ao qual outros são ligados através de linhas ou setas.**
3. **palavras chaves = elos auditivos, isto é, associar palavras da L2 a palavras da L1 que têm sons semelhantes.**
4. **representação de sons na memória = ex. usar rimas para lembrar.**

## **C. revisão efetiva (a revisão auxilia na memorização)**

1. **revisão estruturada (revisão em intervalos regulares que podem ir se espaçando a medida que a informação torna-se natural e automática).**

## **D. emprego de ação**

1. **uso de sensações ou respostas físicas.**
2. **uso de técnicas mecânicas = ex. cartão relâmpago.**

## **2. Estratégias cognitivas**

### **A. Praticar**

1. **repetir.**
2. **praticar formalmente sons e ortografia.**
3. **reconhecer e usar fórmulas, paradigmas e expressões formulaicas:**  
ex. Hello, how are you? It's time to
4. **recombinar = ex. unir orações.**
5. **praticar de forma natural = ex. conversar, ler.**

### **B. Receber e enviar mensagens**

1. **apreender a idéia com rapidez: achar idéia principal (skimming) e achar detalhes (scanning)**
2. **usar recursos para captar e enviar mensagens através de:**
  - a. **meio impresso: dicionário, glossário, gramática, etc;**
  - b. **meio não-impresso: video, rádio, cinema, etc.**

### C. Analisar e raciocinar

1. raciocinar dedutivamente (aplicar regras).
2. analisar expressões (dividir em partes).
3. analisar contrastivamente (comparar sons, vocabulário, estruturas).
4. traduzir.
5. verter.

### D. Criar estrutura para *input* e *output*

1. tomar notas.
2. fazer resumos.
3. focar a atenção (*highlighting*), sublinhar, marcar, colocar asteriscos.

### 3. Estratégias de Compensação

#### A. adivinhar de forma inteligente

1. usar pistas lingüísticas = cognatos, prefixos.
2. usar outras pistas = estrutura do texto, conhecimento do mundo, conhecimento dos participantes.

#### B. Superar limitações da fala e da escrita

1. recorrer à língua materna.
2. pedir ajuda.
3. usar mímica e gestos.
4. evitar comunicação de forma parcial ou total.
5. selecionar o tópico.
6. ajustar ou aproximar a mensagem = alterar a mensagem, omitindo itens, simplificando as idéias. ex. usar pencil no lugar de pen.
7. criar palavras = ex. paperholder em vez de notebook.
8. usar circunlocução ou sinônimo. ex. dishrag = what you use to wash dishes with

## II. ESTRATÉGIAS INDIRETAS

### 1. Estratégias metacognitivas

## **A. Centrar a aprendizagem**

- 1. apreender e relacionar com material já conhecido.**
- 2. prestar atenção.**
- 3. retardar a produção oral para focar na audição (período silencioso).**

## **B. Planejar a aprendizagem**

- 1. fazer descobertas sobre a aprendizagem de língua.**
- 2. organizar = espaço físico, luz, horário.**
- 3. estabelecer metas e objetivos, ex. meta = corresponder no final do ano com alguém no exterior; ex. objetivo = ler um livro.**
- 4. identificar o propósito de uma atividade, ou seja, ouvir, falar, ler, escrever com um propósito definido.**
- 5. planejar para uma tarefa .**
- 6. procurar oportunidades para praticar.**

## **C. Avaliar a aprendizagem**

- 1. auto-monitoração (identificar os erros).**
- 2. auto-avaliação (avaliar o próprio progresso).**

## **2. Estratégias afetivas**

### **A. Diminuir a ansiedade**

- 1. relaxar progressivamente, respirar fundo, meditar (através de imagem mental ou som).**
- 2. usar música.**
- 3. rir = assistir uma comédia, ouvir/ler piadas.**

### **B. Encorajar-se**

- 1. fazer afirmações positivas (que tal no diário?) ex. I'm reading faster. Everybody makes mistakes. I can learn from mine.**
- 2. correr riscos de forma inteligente.**
- 3. gratificar-se.**

### **C. Medir a temperatura emocional**

- 1. ouvir seu corpo (estou feliz, tensa?).**
- 2. usar *check lists* (auto-avaliação).**
- 3. escrever um diário (data/ lição do livro/ atividades principais/ como foi meu desempenho/ quais foram minhas dificuldades).**
- 4. discutir seus sentimentos com alguém (Que dificuldades ainda tenho?).**

### **3. Estratégias sociais**

#### **A. fazer perguntas (pedir para repetir, dar exemplo, parafrasear, explicar, falar mais devagar)**

- 1. pedir esclarecimentos.**
- 2. pedir correções.**

#### **B. cooperar com os outros**

- 1. cooperação entre pares.**
- 2. cooperação com falantes proficientes.**

#### **C. solidarizar-se com os outros**

- 1. desenvolver compreensão cultural (tentar entender a cultura do outro).**
- 2. conscientizar-se a respeito dos sentimentos e dos pensamentos dos outros.**

## **Conclusão**

O professor que acredita na autonomia como facilitadora da aprendizagem deve persuadir seus alunos a usar estratégias mais eficientes, respeitando, no entanto, os estilos diferentes da aprendizagem. A promoção de discussões sobre o processo de aprendizagem também pode contribuir para o sucesso dos alunos, pois, ao adquirir consciência sobre o processo de sua própria aprendizagem, o aluno poderá avaliar-se,

estabelecer seus objetivos e melhor planejar suas atividades, tomando a si o controle de sua aprendizagem.

Segundo Vieira (1994:20), é fundamental que o professor seja o facilitador da autonomia do aluno e isto só é possível se o professor for crítico de seu próprio trabalho, aberto à negociação, atento às necessidades e aos problemas dos alunos, disposto a compartilhar responsabilidades e bem informado sobre sua área de trabalho, o que não inclui apenas o componente lingüístico.

## Referências Bibliográficas

- CANALE, M. & SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. In: *Applied Linguistics*, v.1, n.1, p.1-47, 1980.
- CANALE, M. From communicative competence to communicative language pedagogy. In: RICHARDS, J. C. & SCHMIDT, R. (Eds.) *Language and communication*. London: Longman, p.2-25, 1983.
- DICKINSON, Lesley. *Self-instruction in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, J. (Eds.) *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, p.269-93, 1972.
- O'MALLEY, J. M. & CHAMOT, A. U. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- OXFORD, Rebecca. *Language learning strategies*. New York: Newbury, 1990.
- VIEIRA, Flávia. Teaching for autonomy. In: *Practical English Teaching*, v. 14, n.3, p.19-21, March, 1994.